



GT 054. Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira

Luciana Gonçalves de Carvalho (Ufopa) - Coordenador/a,
 Luciana de Oliveira Chianca (UFPB) - Coordenador/a,
 Ulisses Neves Rafael (Universidade Federal de Sergipe) - Debatedor/a,
 Lady Selma Ferreira Albernaz (ufpe) - Debatedor/a

A pesquisa de inspiração participante marcou a busca de uma construção reflexiva e dialógica no campo antropológico, notadamente a partir dos anos 1970, no Brasil. O fazer antropológico expandiu-se então consideravelmente, na percepção de que saberes acadêmicos, científicos ou humanísticos pressupõem uma fusão de horizontes com os saberes populares e locais, sejam eles tradicionais ou não. Tal pressuposto transformou o cotidiano de muitos professores e pesquisadores, sendo que nas universidades brasileiras ele foi traduzido pela incorporação oficial da extensão no binômio ensino/pesquisa, relacionando conceitual e inexoravelmente a universidade pública com a sociedade e suas demandas. Este GT propõe o debate de aspectos conceituais, metodológicos, políticos, relacionais e pedagógicos de práticas extensionistas em diferentes contextos de atuação e em relação com áreas de conhecimento conexas à antropologia. São bem-vindos relatos de experiência e análises de programas, projetos de extensão universitária e ações extramuros, voltadas para educação, arte, saúde, meio-ambiente, patrimônio cultural, igualdade racial, direitos humanos, desenvolvimento local, trabalho e renda. Deseja-se estimular reflexões e críticas sobre o preceito da indissociabilidade das dimensões de ensino, pesquisa e extensão, considerando-se as condições objetivas e subjetivas da implementação das ações e mediações extensionistas nas distintas regiões do Brasil.

Narrativas na cidade em Álbuns Fotográficos: A Fortaleza que se encontra em acervos fotográficos pessoais

Autoria: Cristina Maria Da Silva, Francisco Felipe Pinto Braga

A percepção acerca de um local, incluindo a sua história, não é única, ela pode ser construída por meio de memórias, objetos, pela escrita, fala e até mesmo pelos silêncios. O objetivo desse work é abordar as narrativas sobre a cidade de Fortaleza e seus pertencimentos a partir de álbuns fotográficos. Partimos das abordagens de Michel de Certeau, sobre como caminhar na cidade; das questões sobre narrativas e memória de Jeanne Marie Gagnebin e Aleida Assmann e as leituras sobre fotografia de Susan Sontag e Armando Silva. Entendemos que há uma narrativa que é a chamada "oficial" que encontramos nos livros de história, nas enciclopédias, na mídia, entre outros. Essas narrativas possuem um sentido político, perpetuam uma visão sobre a cidade que invisibiliza, marginaliza e estigmatiza muitos grupos e seus locais de pertencimento, pois uma única narrativa não pode transmitir as diversas percepções, subjetividades, experiências e memórias sobre um local, que aqui falamos especificamente da cidade de Fortaleza. Desse modo, o Grupo de Estudos e Pesquisas Rastros Urbanos da Universidade Federal do Ceará por meio do projeto de extensão "Fotobiografias: a Fortaleza Que se Encontra em Acervos Fotográficos Pessoais", desenvolve works que objetivam mostrar e socializar essas outras narrativas sobre a cidade por meio de estudos antropológicos. Atualmente estamos estudando a comunidade Poço da Draga, desconhecida de muitos fortalezenses, localizada em uma área de grande especulação imobiliária próxima à praia, que sofre constantemente pressão do poder público para que seus moradores deixem o local que foi (e continua sendo) historicamente isolado do resto da cidade, seja pelas construções a sua volta ou pelo estigma social. O Poço da Draga nos abraçou. Por meio de visitas ao local estamos tendo acesso a fotografias dos moradores como um meio para que esses possam contar suas histórias, através das memórias que essas trazem, permitindo conhecer uma



outra Fortaleza, que se apresenta como um local de afetos permeado por subjetividades e histórias até então desconhecidas, mas que nos contam muito acerca da cidade. Através dessas narrativas, que representam uma reivindicação e legitimação do pertencimento desses moradores nesse local, aprendemos muito sobre as implicações políticas da cidade. As fotografias e os relatos nos permitem tomar consciência das mudanças ocorridas no Poço da Draga e, a partir delas visualizar as mudanças na paisagem da própria cidade em suas relações e afetos. As fotografias nos permitem conhecer essas biografias individuais e relacioná-las com a história da cidade e com sua biografia coletiva, entendendo que são essas experiências que dão significado e constituem o imaginário sobre uma cidade.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

